



### **HUGHES, IAN. GAISERIC: THE VANDAL WHO DESTROYED ROME.**

*Ied. Barnsley: Pen & Sword Military, 2017. eISBN: 9781473890299.*

Ian Hughes, autor do livro Geiseric: The Vandal Who destroyed Rome é historiador e mestre em História Antiga e Sociedade pela Universidade de Cardiff, este livro acompanha uma série de biografias de alguns líderes romanos e germânicos, a quem ele confere uma série de atributos negativos ou positivos de acordo com uma metodologia que privilegia os discursos de invasão e destruição contrária a perspectiva de migração e transformação como consideram alguns teóricos austríacos e alemães.

A coleção de biografias desenvolvidas pelo autor compreende os seguintes livros: Belisarius: The last Roman General (2009), Stilicho: The Vandal Who saved Rome (2010), Aetius: Attila's Nemesis (2012), Gaiseric: The Vandal Who destroyed Rome (2017), Attila the Hun: Arch-Enemy of Rome que será publicado no ano de 2019 com publicação prevista para o mês de abril, além disso, em seu blog<sup>1</sup> o autor afirma ter um contrato com a editora Pen & Sword Military até 2022 e que há ainda mais 3 livros a serem publicados até essa data, um deles com título confirmado, Constantine: The military Commander, dessa forma é possível observar que a produção historiográfica do autor está pautada nas biografias de personagens que detêm algumas polemicas nesse campo historiográfico, além de haver um foco em personalidades romanas com apenas Genserico e Atila escapando dessa normatividade, provavelmente por serem reconhecidos como os principais destruidores do Império Ocidental pela crítica historiográfica britânica<sup>2</sup>.

---

1. [ianhughesma.com](http://ianhughesma.com)

2. A referência a historiografia britânica que dispomos aqui, estão considerados como as principais influências dessa corrente metodológica neo-romântica os historiadores Peter Heather e Bryan Ward-Perkins. Se considerarmos as guerras ocasionadas pelas migrações germânicas em que dois lados estão contrapostos e impusemos isto a narrativa historiografia presente, observaríamos igual-

O livro parece estar direcionado ao público leigo e aqueles que desejam ingressar nos estudos sobre os povos vândalos e tomar o primeiro contato com um panorama cronológico sobre a migração dos povos, já que, sua forma de escrita é bastante descritiva, por vezes considerando subitens através da delimitação temporal e seqüencial apresentando a partir do segundo capítulo uma série de acontecimentos desde 408 até 442 com poucas lacunas temporais.

Na primeira parte do livro, Ian Hughes referencia as terminologias e nomes utilizados na Antiguidade Tardia, bem como os diferentes tipos de fontes utilizadas na feitura do livro e, sua preferência por manter-se fiel aos discursos presentes nas fontes romanas, visto que não há nenhuma fonte que referencie a autopercepção vândala. O autor assim compreende que a utilização do termo 'bárbaro' carrega consigo um teor pejorativo, mas que suas intenções ao utilizar essa palavra são na tentativa de universalizar a experiência dos não-romanos, evidenciando uma rejeição das excepcionalidades dos povos germânicos e, sua justificativa pelo desconhecimento e rejeição de outras metodologias que carregam novas tendências, conceitos e experiências nos estudos da migração dos povos (Völkerwanderung) como os austríacos Walter Pohl e Roland Steinacher.

A experiência da escrita do livro parece estar baseada na fonte de Procópio de Cesareia, visto que segue de forma semelhante à definição temporal dos acontecimentos assim como o historiador bizantino, no primeiro capítulo, o autor tenta compreender as origens de Genserico, as primeiras movimentações migratórias de Vândalos e Godos, e o processo de conversão ao arianismo que, segundo ele, teria sido desempenhada por missionários godos como Úlfilas, mas que teve pouca aceitação entre os Vândalos antes do estabelecimento no Império Ocidental, apresenta também as primeiras menções de um povo nomeado Vandili que estaria presente nas margens do Báltico de acordo com Plínio, o Velho e Tácito durante o primeiro século da Era Cristã, mas que ele considera inconsistente devido às lacunas temporais entre a menção dos Vandili no Iº século e a posterior referência aos Vandali durante o século Vº, entretanto, ele apenas considera que os Vândalos eram uma pequena tribo que não estavam em contato com os romanos.

No segundo capítulo, Hughes trata sobre as movimentações vândalas no interior do Império Ocidental desde as províncias da Panônia aonde haviam se estabelecido junto com outros povos no início do processo migratório com a permissão dos imperadores romanos, mas de acordo com o autor, a aceitação desses povos não significou o auxílio destes, que em busca de melhores condições foram forçados a deixar a Panônia em direção a Raetia e posteriormente a Gália. É possível perceber que embora o livro se trate de uma biografia de Genserico, também é contemplado na escrita do autor a história de seu povo como intrínseca ao próprio Genserico, pois de acordo com Hughes, durante essas migrações acima mencionadas, 'Gaiseric, the son of the king, was no doubt an important leader of the Asding army, although aged just 16.'<sup>3</sup>. Neste capítulo, também é discutido como as 'forças invasoras' se organizavam através da caracterização dos contingentes militares desses povos e de suas estratégias militares na Gália, que havia se tornado uma fonte de recursos estáveis para a 'coalizão bárbara' como apresenta o autor, em parte, permitida pelas intensas disputas internas do poder imperial retirando os germânicos do foco dos exércitos romanos.

No terceiro capítulo, Hughes prefere destacar as disputas internas e cisões ocasionadas nas províncias da Hispania contra o poder imperial. O autor também trata da aliança feita pelo general romano Gerontius com Vândalos, Alanos e Suevos para que em troca de proteção e terras lutassem em seus exércitos contra Constantino III. Hughes ainda retrata o consenso de

---

mente duas perspectivas, uma neo-romântica que considera que os povos germânicos destruíram o Império Romano e outra germanista que evidencia um processo de migração e transformação política, econômica e social através do estabelecimento de seus reinos no período pós-imperial, não considerando que os germânicos teriam sido o principal fator da destruição do Império Ocidental.

3. HUGHES 2017, p.53

alguns autores latinos em apresentar a chegada desses três povos germânicos na Hispania como apocalíptica, pois coincidiu com fome e, em conseqüência disso, uma doença epidêmica, mas que a população local atribuiu a tirania de Gerontius, tornando-os partidários dos líderes germânicos e, que após a morte do general romano assumiram o controle das províncias.

No capítulo quatro, Hughes pretende apresentar que durante os conflitos pelo poder imperial, uma em particular, liderada por Heracliano resultou em grande perda de tropas africanas, para ele, justificando parte do sucesso da ocupação Vândala no Norte da África, este capítulo, assim como o terceiro tende a apresentar um panorama dos conflitos que impactaram as províncias africanas e o poder central na Península Itálica e Roma.

Uma característica do livro até aqui percebida é a apresentação da intensa rivalidade entre Godos e Vândalos, Hughes apresenta que a travessia do Reino Vândalo para a África transformou a relação com os Godos, já que, o sucesso dessa empreitada refletiu na superioridade vândala, devido há anos antes os Godos terem sofrido grandes perdas na tentativa de cruzar o Estreito de Gibraltar sem sucesso. Partindo assim, para a apresentação dos conflitos entre os Godos contra Vândalos e Alanos.

No quinto capítulo, Hughes pretende expor que as rivalidades na corte imperial entre 423 e 428 revelaram cisões do Império Oriental e da África Romana na transição de governos após a morte de Honório até a sucessão de Valentiniano III, apresentando também as disputas entre os generais romanos: Aécio, Bonifácio e Felix deixando as guerras de ocupação germânica em segundo plano, permitindo que esses povos se reorganizassem. O autor somente retorna aos Vândalos quando propõe que as narrativas que apresentam a chegada deles na África em 429, através de acordos e colaboração militar para Bonifácio, seriam uma tentativa dos autores latinos de representar que a perda da África esteve ligada a traição do general romano do que com o sucesso militar vândalo.

Embora esta análise anterior tenha seu mérito, não observamos a mesma intensidade na crítica aos autores latinos no sexto capítulo quanto à natureza de Genserico como um filho ilegítimo e como católico convertido ao arianismo, considerando apenas, que tais relatos poderiam ser uma propaganda romana, mas sem contestá-la claramente. Embora estas características não sejam tão bem avaliadas, este capítulo é o que melhor retrata o rei Genserico e faz uma profunda análise geográfica sobre a travessia da Hispania para Tingitania, apresentando as motivações e os primeiros anos de movimentações militares na África até Hippo Regius, referenciando uma temporalidade entre 428 e 432.

No capítulo sete, o autor continua a apresentar um panorama das conseqüências que contribuíram para o sucesso do estabelecimento Vândalo no Norte da África impondo categórica culpa nas disputas entre os generais romanos pela posição imperial e militar de maior prestígio por volta de 432, relegando as campanhas de defesa da África ao Império do Oriente até 434 quando se retiraram. Forçando o Ocidente a assinar tratados de paz e concessão de terras em 435, apresentando assim o primeiro estabelecimento oficial e definitivo do Reino Vândalo na África. Neste capítulo Hughes tenta apresentar um panorama do que teria sido a África Vândala entre 435 e 439 avaliando os discursos de perseguição aos católicos e militares romanos como uma tentativa de Genserico garantir a posse dos territórios africanos cedidos pelos tratados, além de apresentar uma aliança entre Vândalos, Burgúndios e Godos que colaborou, segundo o autor, para Genserico testar a resposta militar de Roma contra as campanhas no Mediterrâneo enquanto Godos e Burgúndios travam guerras de ocupação na Gália nos anos de 437 e 438, mas que o rei vândalo atribui a 'piratas bárbaros' sem ligação com seu reino, a fim de manter a confiança de Roma.

Assim, ele inicia o capítulo 8 apresentando o grande impacto e importância das províncias africanas para o bom funcionamento do Império Ocidental e principalmente para a Península Itálica, discutindo também as disputas cristológicas na África Proconsular que ocasionou diversas rupturas e até um sentimento antirromano generalizado fora das grandes cidades. Para o autor, Genserico teria utilizado da confiança adquirida por Roma e das guerras na Gália para tomar a cidade de Cartago em 439, discutindo também a emergência com que o Império pediu auxílio econômico para abastecimento da Itália e organizou seu efetivo militar para o contra-ataque,

pacificando ou abandonando todas as outras guerras na Gália ou Hispania, além de fortalecer as defesas da Península contra possíveis ataques vândalos impactados através de um medo generalizado. Nesse capítulo, também é discutido o esforço de pacificação de Genserico com o Oriente que terminou com o tratado de 442 e, encerrou os esforços para reconquista da África oficializando e reconhecendo a conquista do Reino Vândalo.

No capítulo nove, o autor se concentra no período após o tratado de 442, verificando os modos de atuação administrativa e econômica de Genserico nas províncias recém conquistadas e, também apresenta as reformas na aristocracia vândala, para o autor, feitas pelo rei para manter sua família como grupo dominante entre os Vândalos. Ele também oferece um panorama das relações com o Ocidente e Oriente, com os Mouros e Hunos, além, dos conflitos de estabelecimento do arianismo e sua forma de atuação na transformação do clero niceno em ariano.

O capítulo dez: "The Sack of Rome" trata especificamente do assunto ao analisar possíveis motivações e desdobramentos, como todos os capítulos anteriores, o foco na História de Roma é mantido e, apresenta como consequência uma série de conflitos internos que resultou na morte de Aécio e Valentiniano III que colocou fim a paz e ao tratado de 442, enfatizando o enfraquecimento do Império que outros germânicos e, não somente os Vândalos também aproveitaram por volta de 454 a 455, para o autor, essa forma de ataque ao Império conjunto em momentos onde havia expressão de fraqueza configurou-se como um padrão das hostilidades germânicas.

O capítulo onze compreende as relações do Reino Vândalo e as políticas estabelecidas por Genserico com os Impérios do Ocidente e Oriente após 456, momento em que para o autor, se manifesta uma intensa negligência do Oriente em auxiliar o Ocidente possibilitando aos Vândalos manter uma posição ofensiva, refletindo nas guerras contra as ilhas mediterrânicas ocidentais e sucessivos ataques a Península Itálica com a colaboração militar dos Mouros.

No capítulo doze, o autor discute as rivalidades entre Genserico e Majoriano ocasionado pelas derrotas Vândalas na Sicília e Itália, Hughes também compara as fontes que descreviam a força naval romana e vândala, além de demonstrar uma tentativa de Majoriano em reconquistar a África no ano de 460 por meio da travessia do Estreito de Gibraltar, mas que fracassou antes da campanha ter iniciado devido à interferência de Genserico na província da Hispania destruindo os navios de transporte e se apossando dos navios de guerra romano.

Deste modo, o capítulo treze se inicia com o autor apresentando os conflitos senatoriais decorrentes da derrota de Majoriano, seu assassinato e substituição por Ricímero e, em seguida por Libius Severus, para o autor, nesse momento, Genserico estava mais preocupado em obter apoio do Império do Oriente, e assim, intensificar a cisão e o isolamento do Ocidente que veio a se concretizar no tratado de 462, que impediu qualquer apoio de Constantinopla nas guerras vândalo-romanas, que contribuíram para a expansão do Reino sobre as ilhas da Sardenha, Córsega e uma parte da Sicília. No mesmo capítulo, Ian Hughes apresenta os desdobramentos dos eventos que sucederam o rompimento do tratado no ano de 467 pelo imperador Leão ocasionando na guerra entre o Império do Oriente e o Reino Vândalo.

No capítulo quatorze, portanto, o autor apresenta uma análise de fontes conjuntas a fim de representar como e, quais foram os eventos que sucederam o rompimento da paz e o esforço de guerra criado por Leão contra os Vândalos em África, apresentando também a condução político-militar do Imperador Ocidental Antêmio em relação aos Vândalos e, as estratégias utilizadas por Genserico para manter a integridade de seu Reino sob a pressão de guerrear em três frentes, duas do Oriente e uma do Ocidente.

No capítulo quinze, Ian Hughes pretende apresentar um panorama geral que aborda desde as consequências da derrota do Império do Oriente para os Vândalos em 468 e, como a vitória de Genserico contribuiu para a concepção de uma nova esfera de poder no Mediterrâneo e na África até a morte de Genserico em 477 com 88 anos. Este capítulo também estabelece um panorama das disputas entre a elite romana e, dos acontecimentos na Europa que privaram as possibilidades do Império Ocidental em sustentar seus territórios e manter campanhas militares contra os Vândalos. Para o autor entre os anos de 468 e 475, Genserico manteve uma política

ofensiva contra o Ocidente e Oriente a fim de consolidar a posse das ilhas mediterrânicas, obter um rendimento extra para o Reino através de saques e, principalmente na tentativa de pressionar o Oriente a declarar um tratado de paz com as melhores condições possíveis, que foi negociado pelo Imperador Zeno em 475 com uma cláusula que ordenava a pacificação mesmo após a morte de Genserico e Zeno. Assim, Hughes atesta que Genserico foi tão imponente na política de seu reino, quanto em sua vida militar.

É interessante observar que em sua conclusão, embora o autor imponha Genserico de ser o principal destruidor do Império Romano do Ocidente, sua própria escrita em diversos capítulos, dá grandes ênfases às disputas internas que tornaram Roma incapaz de combater as ameaças germânicas em sua pluralidade. E embora a proposta do livro parecesse estar focada na biografia de Genserico, consideramos que o principal mérito da proposta foi de reunir um grande número de fontes que permitiu um panorama diacrônico complexo sobre os eventos que consolidaram o Reino Vândalo como uma potência no Mediterrâneo e, suas relações com outros povos da migração, com os africanos e Mouros e principalmente entre os Impérios do Ocidente e Oriente.

**GERALDO ROSOLEN JUNIOR**  
Universidade Federal de São Paulo